

Revista de Catequese

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL
São Paulo, *Campus* Pio XI: Curso de Teologia
Disponível em: <https://revista.unisal.br/catequese/index.php/rcu/index>

V. 1, n. 2, jul./dez., 2023, p. 97-116.

O MITO DE BABEL: A CRISE NA COMPREENSÃO DO OUTRO – A AMIZADE SOCIAL DESAFIADA PELA INTOLERÂNCIA E O FECHAMENTO HUMANO

THE MYTH OF BABEL: THE CRISIS IN UNDERSTANDING THE OTHER – SOCIAL FRIENDSHIP CHALLENGED BY INTOLERANCE AND HUMAN CLOSURE

*Romildo Henriques Pinas**

RESUMO: Este estudo, à luz do mito da ‘Torre de Babel’ Gn 11,1-9, reflete o sentido do diálogo e da amizade social no contexto eclesial brasileiro. O texto bíblico serve de referência para abordar a problemática do relacionamento humano nos dias atuais. O artigo é motivado pela Campanha da Fraternidade na Igreja do Brasil neste ano de 2024, cujo tema é “Fraternidade e amizade social”. O texto tem a seguinte estrutura: na primeira parte, levantamos alguns elementos da natureza humana que corroboram para discutir a tensão entre diálogo e fechamento social. Usamos a passagem de *Gênesis* 11,1-9; o texto oferece elementos para refletir o sentido de confusão dialógica entre os humanos, que permanece até nossos dias. Na segunda parte, olharemos para o contexto contemporâneo das relações humanas, os desafios que atingem as sociedades hodiernas. Aqui, nos serviremos do texto base da Campanha da Fraternidade de 2024 e alguns textos do magistério do Papa Francisco. Após, buscamos indicar alguns elementos de esperança na perspectiva do esforço para o convívio humano e a amizade social.

Palavras-chave: Amizade social; Babel; fraternidade; ser humano; diálogo.

ABSTRACT: *This study, in light of the myth of the 'Tower of Babel' Gn 11,1-9, reflects on the meaning of dialogue and social friendship in the Brazilian ecclesial context. The biblical text serves as a reference to address the problems of human relationships today. This article is motivated by the Fraternity Campaign in the Church of Brazil this year of 2024, whose theme is "Fraternity and social friendship." This text has the following structure: in the first part, we raise some elements of human nature that corroborate to discuss the tension between dialogue and social closure. We use the passage from Genesis 11,1-9; the text provides elements to reflect on the sense of dialogic confusion among humans, which persists to our days. In the second part, we will look at the contemporary context of human relations, the challenges that affect today's societies. Here, we will use the base text of the Fraternity Campaign of 2024 and some texts from the teachings of Pope Francis. Afterwards, we seek to indicate some elements of hope in the perspective of the effort for human coexistence and social friendship.*

Keywords: *Social friendship; Babel; fraternity; human being; dialogue.*

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); mestre em Teologia pela mesma instituição; graduado em Teologia e em Filosofia. É docente em cursos de pós-graduação no Centro Universitário Salesiano de São Paulo - UNISAL.

INTRODUÇÃO

Neste ano, a Campanha da Fraternidade escolheu para a reflexão da Igreja do Brasil o tema da ‘amizade social’. Ele nos ajuda a pensar o cenário desafiador das relações humanas no mundo atual. Quando voltamos nosso olhar para os contextos sociais e políticos hodiernos, nota-se o quão distante está a proposta do reino de Deus anunciada por Jesus Cristo como ideal de uma fraternidade universal. Deparamos com massacres de características genocidas, tantas guerras como vemos atualmente entre Ucrânia e Rússia, Israel e Palestina, atitudes extremistas da parte de grupos terroristas, esses rotineiramente assombram a paz de tantos países, haja vista o acontecido contra o povo judeu no massacre realizado pelo Hamas¹. Não há como fechar os olhos diante do sofrimento de várias nações na África ou mesmo na América Latina. Vemos tantos países que ainda estão longe de uma autêntica amizade social.

Em um cenário de tantos sofrimentos, violência e diversos tipos de intolerância, perguntemo-nos: onde está a origem fundamental da falta de diálogo, das guerras e do fechamento às diferentes culturas? Por que, embora sendo um ser aberto ao transcendente, o homem vive o paradoxo do egoísmo e do fechamento? À luz da fé, não há muito o que especular para encontrar uma resposta a essa problemática. O livro do Gênesis mostra que existe na pessoa uma contradição no uso da liberdade, fato caracterizado pela desobediência e pelo pecado. O homem, na busca de sua liberdade e autonomia, defronta-se com o sentido fundamental de sua existência constituída em Deus e na relação com ele. Romper com esse princípio é o primeiro ato que desencadeia uma sucessão de acontecimentos e rupturas no contexto da Sagrada Escritura. Os textos protológicos de Gênesis levam a perceber a tensão permanente entre homem e Deus, como também, do homem diante de outras criaturas. Na perspectiva judaico-cristã, quando se olha para a harmonia da vida paradisíaca nota-se que ela estava sedimentada na obediência e na unidade com o criador, disso, resulta também a unidade com as criaturas. A rebeldia do ser humano criou o cenário de desconfiança, de mentira e acusações, basta olhar o texto de Gênesis 3. O percurso da crise não termina com o evento da expulsão do paraíso, mas continua em todas as contendas que vão acontecendo até Gênesis 11. Mesmo depois da punição ocorrida com o dilúvio, o homem não desiste de sua ambição em se igualar a Deus ou até tomar seu lugar. O mito relatado no texto da construção da Torre de Babel nos parece paradigmático,

¹ Aqui nos referimos ao dramático ataque de um grupo terrorista do Hamas em 07 de outubro de 2023, fazendo centenas de mortos e feridos. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/como-ocorreu-o-ataque-sem-precedentes-do-hamas-a-israel/a-67030011>>. Acesso em: 03 abr. 2024.

tanto no que se refere à ambição sem medida da pessoa como no resultado dessa crise que emerge da ambição: ruptura, confusão e incompreensão, devido a mistura das línguas faladas.

O presente artigo, à luz do relato sobre a Torre de Babel, busca pensar a dificuldade do diálogo e da amizade social que acompanha o ser humano até nossos dias. Naturalmente que não será feito um estudo da perícope no seu sentido exegético e linguístico, contudo usaremos alguns elementos mítico-religiosos do texto que servem como inspiração para refletir a emblemática situação do homem de hoje, na sua condição de fechamento ao convívio social. O estudo será dividido em três pontos: primeiro, procuramos apresentar alguns elementos da natureza humana que corroboram para discutir a tensão entre diálogo e fechamento social. Nesta primeira parte recorreremos a Gênesis 11,1-9, pois o mesmo fundamentará o sentido da confusão dialógica entre os humanos que permanece até nossos dias. A segunda parte almeja, mesmo que de forma brevíssima, refletir o contexto contemporâneo das relações humanas, os desafios que assolam o homem de hoje e o lugar da fé cristã na procura de saídas para os conflitos e intolerâncias praticadas contra grupos específicos, pessoas e povos. Nesse segundo momento, teremos como base o Texto da Campanha da Fraternidade deste ano de 2024 e alguns textos do magistério do Papa Francisco. Do Papa Francisco veremos, sobretudo, dois preciosos documentos: a *Laudato Si* e a *Fratelli Tutti*. Em um terceiro momento, abordaremos alguns elementos significativos no esforço do convívio humano e da amizade social. Neste último tópico olharemos para a Igreja no Brasil e suas perspectivas de esperança e de respostas evangelizadoras, que possam ser mais eficazes e eficientes no sentido do diálogo social e da solidariedade fraterna com as diferenças étnicas, culturais, políticas ou religiosas.

1. O SER HUMANO E SUA CONTÍNUA TENSÃO: FECHAMENTO E ABERTURA

É quase impossível descrever em poucas linhas a condição humana e os imperscrutáveis meandros da condição espiritual-corpórea da pessoa. Os estudos mais avançados da psicologia, da neurociência, da biologia, da antropologia etc.², mostram que ainda conhecemos pouquíssimo da condição humana, pois a pessoa sempre será um mistério para si mesma e para os outros. Contudo, com a evolução da razão, da autoconsciência e da liberdade, no decorrer dos séculos, a cultura ocidental avançou nas reflexões e no mapeamento das experiências existenciais e históricas do indivíduo inserido na sociedade. Já nos primórdios de nossa cultura,

² Para compreender um pouco mais da pessoa humana, é de grande valor a coleção “Nova Antropologia” traduzida do alemão em 7 volumes. Essa coleção foi publicada pelas editoras E.P.U e EDUSP nos anos 70 e cada volume aborda uma dimensão da vida humana. Ela foi organizada por H. G. Gadamer e P. Vogler.

tanto no mundo bíblico-judaico quanto na cultura filosófica grega, encontramos narrativas que exprimem o drama existencial e seus paradoxos³.

Uma das características fundamental e específica do ser humano é seu poder de comunicar, ele é um ser de linguagem⁴. Desde tempos imemoráveis, ao olhar para os desenhos deixados nas cavernas, a arqueologia histórica viu na pessoa a necessidade de se exprimir, de se comunicar. Há na pessoa, como observado na antiguidade, o aspecto da socialização e da comunicabilidade. Contudo, pode-se dizer: é impossível negar o paradoxo vivenciado pelo indivíduo em sua experiência perante o outro e a comunidade, sobretudo na individualista sociedade moderna. É um paradoxo que ocorre no momento em que o indivíduo busca se realizar como pessoa, e, ao mesmo tempo, carece do convívio social para complementar sua realização. Desse modo, é somente pelo confronto consigo e com seus desejos, que ele percebe diante de si, em seu ser pessoal imediato, um conflito, uma tensão entre a autorreferencialidade como personalidade e sua abertura à sociedade e aos outros⁵. Ao se fechar em si mesmo, o indivíduo esquece sua dimensão de abertura aos outros, à sociedade e a Deus. Com tal atitude, elimina-se a possibilidade do convívio social como característica imprescindível para a elaboração de sua identidade relacional. Embora vivencie a condição de conflito entre fechamento e abertura, há no ser humano o apelo da realização existencial, e tal apelo só é possível de acontecer se a pessoa se lançar para além de si mesma, numa atitude de relacionamento e de socialização. Antes do ser humano se abrir como relacionamento, ele necessita descobrir sua identificação como consciência, liberdade e como sujeito.

Conforme a antropologia, a identidade humana está fundada na contínua interação do ‘eu’ com o ‘tu’, perverter esse princípio fundamental é desqualificar a própria condição humana como tal. O drama permanente entre o ‘eu’ e o ‘tu’, num processo dialético contínuo vai formar

³ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. V. II. São Paulo: Loyola, 1994, p. 52s; 293s. As duas passagens indicadas nessas páginas têm grande valor na filosofia de Platão, são dois mitos: ‘a segunda navegação’ e ‘mito da caverna’ com a finalidade de demarcar a dialética entre o mundo da realidade e o mundo ideal. Mesmo que os mitos estejam inseridos num contexto específico da filosofia platônica, eles não deixam de ser úteis para refletirmos o lugar e a condição vividos pelo ser humano no mundo, não menos, a dialética que desafia a busca de superação. No contexto bíblico, os dois textos que mais nos interessam neste primeiro tópico é Gênesis 1-3 e 11,1-9. De 1-3 conta o mito da criação e a desobediência humana, já Gênesis 11,1-9 relata a ambição desmedida do ser humano quando deseja construir uma torre que o eleve até o céu.

⁴ BONN, L. Weisgerber. O Alcance antropológico do estudo energético da linguagem. In: GADAMER, H.G; VOGLER, P. *Antropologia Filosófica*. Segunda Parte. São Paulo: E.P.U, EDUSP, 1977, p. 121ss. A linguagem pode ser identificada em três níveis: como humanidade, como comunidade e como indivíduo. Na realidade, ela é imprescindível para se falar do ser humano como tal.

⁵ PANNENBERG, W. *Beiträge zur Systematischen Theologie, Band 2. Natur und Mensch – und die Zukunft der Schöpfung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000, 177ss. O teólogo luterano pontua que o grande mérito do personalismo dialógico foi sinalizar para a ideia de ‘eu’, porque, se tal *eu* era pensado antes como sujeito soberano, agora ele depende do encontro com o ‘tu’.

um ‘nós’⁶. Esse empreendimento resulta dos conflitos vivenciados tanto em nível existencial-psíquico quanto no que se refere aos grandes conflitos sociais – guerras e violências coletivas⁷. A autoconsciência confirma a identidade da pessoa, contudo, para ela ser completa enquanto consciência de si, há necessidade de diálogo e de relação com os demais⁸. É interessante a sabedoria bíblica quando diz que devemos ‘amar os outros como amamos a nós mesmos’, essa exigência reflete a necessidade de superar a dialética perene das relações inter-humanas em ordem da sociedade. No mesmo horizonte de compreensão, embora no contexto da psicologia existencial moderna, pensadores vão entender que a angústia resulta da crise que a pessoa enfrenta diante da própria identidade como realização humana. Isso ocorre no processo de descoberta da identidade-alteridade. Trata-se de um sentimento de infelicidade resultante do isolamento que opõe ao sentido de liberdade e abertura do ser inserido no mundo⁹.

A compreensão moderna de sujeito também é portadora da ideia de antagonismo entre indivíduo e sociedade. A polarização antagônica existencial deve-se conciliar pelas relações interpessoais onde o ‘eu’ se encontra situado diante de um outro ‘eu’ e nessas relações a pessoa se constitui. O indivíduo é compreendido por sua constituição social, quando não se põe em relação imediata ao outro indivíduo e à sociedade. A pessoa se identifica em referência ao outro indivíduo, ou seja, inserida em uma mediação social que a leva ao ‘tu’¹⁰. No evoluir da abertura ao outro há verdadeiro movimento transcendental que capacita a pessoa para o ‘Tu’ divino, para o mistério que se revela como meta da plenitude da vida.

Os elementos da antropologia abordados nesse primeiro tópico, de algum modo, iluminam a problemática que subjaz a questão da amizade social refletida hoje na perspectiva da Campanha da Fraternidade. O apelo à cultura do encontro, à abertura e à fraternidade social é feito num contexto de intenso encasulamento, indiferentismo e solidão. Soma-se a isso, forte

⁶ A relação interpessoal desenvolveu uma abordagem chamada ‘personalismo dialógico’. O esforço dessa corrente era superar o princípio subjetivo abstrato do idealismo transcendental, onde a pessoa era uma realidade ilhada, isolada. O outro torna-se indispensável para a autoconsciência de cada ‘eu’ na afirmação de si mesmo, pois ninguém está numa condição supraindividual, mentalidade que chega até o liberalismo europeu. A crítica ao modelo antropológico de ‘pessoa ilhada’ ocorrerá somente no século XX, período em que o indivíduo inicia uma nova forma de se posicionar diante da sociedade e das instituições sociais.

⁷ PANNENBERG, W. *Anthropologie in theologischer Perspektive*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983, p. 236.

⁸ *Ibid.*, p. 243.

⁹ Cf. *Ibid.*, 247ss. A ideia de angústia em M. Heidegger foi motivo de debates inflamados, pois tal conceito, nesse autor, parece retratar uma visão compreendida por muitos como bastante pessimista do ser humano. Ele afirma o homem como *Das Sein zum Tode*.

¹⁰ A relação ‘eu’ e ‘tu’ no pensamento de Hegel é caracterizada pela dimensão de negatividade. O *tu* não é somente um ‘tu’ e também um ‘eu’ e vice-versa. Isso fica muito evidente quando Hegel desenvolve na *Fenomenologia do Espírito* a temática do Senhor e do Escravo. Para uma leitura aprofundada do tema do negativo em Hegel. SANTOS, José Henrique. *Trabalho do negativo. Ensaio sobre a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo: Loyola, 2007.

intolerância ao diferente, a cultura do *bullying* e da agressão. Vivemos uma hipersubjetividade ou até um agudo individualismo subjetivista que dispensam a alteridade. Na realidade, nosso contexto social revela imensa insalubridade psíquica e espiritual, trata-se da descaracterização da própria natureza do ser humano como sujeito social.

No mundo hodierno as minorias são alvos contínuos de atitudes fanáticas fundamentadas em estereótipos morais-religiosos, são pessoas que usam Deus e a moral para massacrar e eliminarem aqueles que pensam diferente ou agem conforme outro horizonte de compreensão moral. Na verdade, há um engessamento tanto da moral quanto dos princípios religiosos, esses resultantes de um fanatismo fundamentalista anacrônico. Para que tais fundamentalismos entrem em prática, formam-se grupos de combatentes tanto na religião quanto na política que agem como guardiães da fé, da família e dos bons costumes. Em tal contexto, o diálogo torna-se inócuo e não se tem em conta o verdadeiro fundamento religioso sustentado em Jesus Cristo e no Evangelho. São pessoas que não conseguem vislumbrar uma moral que se sustente na própria consciência ou uma política que se veja estabelecida em vista do bem comum e da igualdade de direitos. Esses grupos estão fundados num código fechado de regras e proibições. Trata-se da satanização de tudo que é diferente e que extrapola ao pensado dentro deles. Política, religião e moral servem meramente aos caprichos doentios e fundamentalistas para aqueles que se acham os eleitos, os melhores - *‘áristos, aristoi’*.

Para as Igrejas sérias de nosso país, tais grupos tornam-se agudo desafio pastoral. Como abrir um campo saudável de diálogo com quem pensa de tal modo? Como buscar o exercício da amizade social e da inclusão quando as pessoas se fecham cegamente em suas convicções? Certamente, a Campanha da Fraternidade vem suscitar na Igreja de nosso país o apelo e o desejo de criar espaço de diálogo e unidade, de entendimento e respeito entre as pessoas.

Por fim, conforme a tradição judaico-cristã, o homem carrega em si o peso do mau uso de sua liberdade. A queda retratada no livro do Gênesis, simboliza a contradição, o fechamento a Deus. O pecado original demarca a atitude de orgulho e da ambição humana defrontados ao amor de Deus criador. Essa sombra que caminha paralela à existência fez, desde a morte de Abel até nossos dias, seu rastro de morte, dor e sofrimento. O mal passa a fazer parte da vida humana não como projeto de Deus e do reino, mas torna-se um contraponto, uma ambivalência no percurso da criação¹¹. Não há uma resposta pronta para o problema do mal, seja na tradição filosófica seja nas grandes religiões. Mesmo que alguns mitos, como o da queda em Gênesis 3, procurem refletir sua condição dramática, a questão da dor, do sofrimento e do mal continua

¹¹ MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre: Saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes, 1973, 33ss.

aberta. Esse tema aparece de forma mais aguda no contexto moderno da secularização e das grandes guerras. Conforme Queiruga, as respostas dadas no passado como aquela de Epicuro já não atendem mais, contudo, no mundo, tanto em nível individual quanto coletivo, cotidianamente experimentamos as consequências da presença do mal em nossas vidas.¹² Em nível científico, hoje sabemos que há um mal que é fruto do pecado, não obstante, na natureza contém um germe de aniquilação, de finitude. A lei da física é exatamente marcada pela força da entropia como limite permanente de tudo que é matéria.

Creemos que o maior problema para o cristianismo foi concentrar tudo na teologia do pecado original, pois hoje essa teologia já não se sustenta em nível de resposta para todos os males, assim como atribuir tudo ao homem ou tudo a Deus. A sociedade secular não recebe com bons olhos uma visão fundamentalista ou reducionista da fé¹³. Não obstante vemos aumentar cada vez mais as fileiras daqueles que reagem contra a liberdade de opinião, contra o discurso que integra as diferenças e o diálogo, criando forte polarização e conflitos na sociedade hodierna. Mesmo neste contexto de conflito, o cristianismo prega o amor, a fraternidade e a paz. O exemplo de Jesus Cristo é fundamental para nós e o amor fraterno é exigência de salvação.

1.1 GÊNESIS 11,1-9 - FECHAMENTO E RUPTURA DO DIÁLOGO HUMANO

Neste ponto, pretendemos ler o relato de Gênesis 11,1-9 com a finalidade de iluminar o que vivemos na atualidade o drama da falta diálogo e o fechamento ao outro. O mito da Torre de Babel pode ser lido como uma etiologia relativa às dificuldades da comunidade humana quando deseja fechar-se em si mesma¹⁴. Babel é o símbolo da confusão e da crise da razão comunicativa – implicando nesta comunicação as relações das pessoas entre si e delas com Deus, pois o projeto vai contra o propósito divino. Trata-se de um empreendimento que rompe

¹² QUEIRUGA, Andrés Torres. *Esperança apesar do mal. A ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 130ss. O autor é perspicaz ao mostrar que o mal não é culpa de Deus nem mesmo no ‘estrito senso’ do ser humano. Ele é resultante de uma realidade mais complexa que se caracteriza pela contingência e pela finitude.

¹³ VASCONCELLOS, Lima Pedro. *Fundamentalismos. Matrizes, presenças e inquietações*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 19s. Esta obra faz um breve caminho do conceito de fundamentalismo, desde suas bases no contexto da dialética entre Cristianismo liberal e tradicional nos Estados Unidos. Mostra o tema desde o começo do século XX até nossos dias. O texto nos ajuda a entender as bases da crise de diálogo e de intolerância (sobretudo religiosa) que vivemos nos dias atuais nas sociedades.

¹⁴ Aqui há dois elementos a serem considerados quando usamos Gênesis 11,1-9 como referência para nossos dias. Um aspecto é aquele que contrapõe ao projeto de Deus ordenando que as pessoas se espalhassem pela terra e multiplicassem a vida. Outro elemento, a ser pensado é acreditar que o fechamento de Babel seria oposto ao sentido da ‘globalização’. A Bíblia não é contra a interculturalidade, contudo, sobretudo a mensagem cristã, não dá espaço para o domínio de uma cultura sobre outra, muito menos pela massificação imperialista e homogeneizadora do conceito de globalização conforme entendido em nossos dias.

com a comunhão dialógica perfeita onde o ser humano aceitaria que Deus pudesse ser tudo em todos. A passagem bíblica usada neste tópico fornece alguns elementos para melhor entender o movimento de comunicação entre Deus e os homens e também do ser humano com seu semelhante no convívio social, bem como, as dificuldades nesse processo comunicativo.

1.1.1 A TORRE DE BABEL E A CRISE NO DIÁLOGO SOCIAL

A narrativa de Gênesis 11,1-9 relata a construção de uma cidade e de uma torre: ‘Babel’. A linguagem do texto representa o processo de crise na unidade entre homem e Deus e entre a comunidade humana¹⁵. No seu sentido teológico, a passagem revela a condição de desobediência, de desejo de poder e de pecado. O sentido mítico da narração de Gênesis 11,1-9 expõe o contexto do povo que habitava a planície de Sinear, local para onde os sobreviventes do dilúvio migraram depois da catástrofe. O termo ‘Torre de Babel’ não faz parte das Escrituras no seu sentido estrito, mas foi deduzido do termo hebraico ‘*bâlar*’, mistura, confusão¹⁶. A perícopes diz que o Senhor observou o projeto ambicioso dos homens e decidiu confundir tal projeto, rompendo o diálogo entre eles pela multiplicação de ‘línguas’¹⁷. Babel, termo que significa confusão, mistura, pode interpretado em Gênesis 11,1-9 como reflexo de todo contexto de desordem que o antecede nas narrativas da desobediência e da queda e dos males resultantes do pecado de Adão.

O Paraíso terrestre representa o lugar da harmonia, da unidade e da comunhão. É o projeto de Deus para o homem. O mundo e o homem não têm o futuro por si mesmos. E conforme o livro de Gênesis, o mal é resultado da prepotência e ambição de poder. A desordem na criação ocorre quando o homem se afasta do ideal de Deus para ele. À luz dos primeiros capítulos do Gênesis, há um aprofundamento da desordem e das ambiguidades, como lembra Carlos

¹⁵ ROSS, P. Allen. *Creation & Blessing. A guide to the study and exposition of Genesis*. Michigan: Baker Book House, 1988, p. 130ss.

¹⁶ TENNEY, C. Merrill. *Enciclopédia da Bíblia – Cultura Cristã*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

¹⁷ Certamente, em nível histórico parece difícil poder atestar quantas línguas os povos já falavam no contexto babilônico. Aqui talvez caiba melhor ler o texto no seu viés mítico: confundir as línguas, seria sinônimo das discórdias no projeto humano, fruto da ambição desmedida de quer atingir o céu, embora isso fosse aceitável pela via religiosa tradicional, mas não partindo de ‘baixo para cima’ para usar um termo de nossos dias. O mito contribui para resgatar a narrativa Javista de Gênesis 3, quando emergiu no homem o desejo de comer o fruto do conhecimento numa atitude de desobediência ao Senhor Javé. O texto de Jacir de Freitas Faria: *O contramito Torre de Babel não trata da multiplicação de línguas (Gn 11, 1-9)*. In: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626314-o-contramito-torre-de-babel-nao-trata-de-multiplicacao-de-linguas-gn-11-1-9-artigo-de-frei-jacir-de-freitas-faria>>. Acesso em 20 março 2024. O autor faz uma leitura interpretativa entre linguagem ‘*Shafat*’ e língua ‘*lashôn*’. Obviamente que se formos pensar na própria história da formação das tribos e dos clãs, certamente que a interpretação desse autor faz algum sentido. Contudo, linguagem e língua no contexto do mito não é um dado muito relevante, pois na tradição interpretativa desse relato, optou-se por falar de línguas.

Mesters¹⁸, pois o conteúdo expõe a insatisfação com um mundo presente que não é aquele imaginado no contexto da fé judaica como projeto de Deus.

O fim do trajeto dos 11 capítulos culmina noutra desobediência a Deus, aquela que se confronta com a ordem divina dada a Noé depois do dilúvio: “Sede fecundos e prolíferos, enchei a terra” (Gn 9,1b). Semelhante a Gênesis 3, a Torre de Babel torna-se novamente paradigma de autossuficiência e fechamento à vontade de Deus. Vários autores chamam a atenção para o domínio da técnica da construção. A desobediência é demarcada pelo desejo de autonomia e subjetividade, contudo, há na perícopa um elemento perturbador: o homem quer chegar até Deus pelas próprias forças. Ele pretende ter domínio do sentido do sagrado, da sua ‘linguagem’, aqui pode-se encontrar a explicação para a chamada ‘confusão das línguas’. Até poderíamos pensar friamente que Deus estaria com receio da evolução humana. Certamente não é essa a questão. O problema presente no texto sobre a edificação da torre repete, de certo modo, a crise vivida em Gênesis 3. O homem enxerga diante de si uma contradição, o drama da dor e da divisão¹⁹. O autor do texto coloca em Deus o princípio da confusão das línguas, contudo, a discórdia brota da ambição de poder e da vaidade alimentada coletivamente.

No momento, fazer uma exegese detalhada do texto aqui abordado não é possível, contudo, é bom frisar que embora a passagem bíblica ressalte a confusão de línguas, não dá para imaginar toda humanidade falando somente uma língua. Deveras, o texto Javista está mais preocupado em ressaltar a confusão ocasionada pela divisão, pelo desentendimento que demarca o caminho do ser humano. Em Gênesis 10, um texto ‘P’ deparamos com a multiplicidade²⁰, ela não é um dado que oponha a Deus no contexto da Escritura. O que está em jogo na etiologia da Torre de Babel é a arrogância, essa semelhante àquela retratada em Gênesis 3,22²¹. Babel representa o homem fechado em sua ambição, fechado ao projeto de Deus. É o endeusamento do próprio homem por si mesmo, não como fruto da graça.

O relato da Torre de Babel revela elementos muito atuais para nós no que se refere à cultura da comunicação e do diálogo. Dialogar sempre exige respeito às diferenças. Babel não

¹⁸ MESTERS, 1973, p. 32s.

¹⁹ GOWAN, E. Donald. *From Eden to Babel. A Commentary on the Book of Genesis 1-11*. Grand Rapids: WM. B. EERDMANS PUBLISHING co.; EDINBURGH: THE HANDSEL PRESS LTD, 1988, p. 119ss. O autor faz ver que não é o empreendimento técnico que desagrade a Deus, na verdade, isso é bênção. O problema está no uso do poder e da inteligência para dominar, e causar dor. Nesse sentido, pode-se entender a crítica contra o próprio poder babilônico imperialista. Gênesis de 1-11 é a estória de um crescente de pecados, culminando na Torre de Babel.

²⁰ DAY, John. *From the Creation to Babel. Studies in Genesis 1-11*. LONDON: Bloomsbury Publishing, 2013, p.178ss.

²¹ *Ibid.*, p. 182s.

sugere diálogo, mas monólogo²². Revela o desejo de absolutismo de um povo que almeja as alturas e a supremacia até mesmo diante de Deus. Aqui vale algumas perguntas que nos ajudam a empreender uma hermenêutica desse texto: o que seria o domínio da língua inglesa sobre as outras culturas? O que significava as grandes ‘torres gêmeas’, ou ainda significam, aquelas que tentam chegar aos céus nos países do Oriente árabe? Certamente, também as torres das grandes catedrais não podem ser lidas somente no ângulo da fé, elas revelam um contexto de cristandade marcado pelo poder e pela dominação. Neste horizonte de interpretação, Babel ainda é muito atual.

Embora não sendo um texto especificamente teológico, mencionamos aqui a obra de Mary Anne O’neil, nela a autora faz uma analogia entre Babel e Pentecostes usando os poemas de Pierre Emmanuel homônimos aos textos bíblicos. Se Babel retrata a confusão no entendimento das pessoas, Pentecostes, por sua vez, expressa a comunidade unida pelo Espírito²³. A linguagem única pode produzir um autoritarismo que impede a criatividade e o diálogo²⁴. Ela não é sinônimo de comunhão, mas de homogeneidade e fechamento às diferenças. Noutro horizonte, Pentecostes representa a compreensão da linguagem do Espírito na pluralidade.

Nas diversas chaves hermenêuticas sobre o mito de Babel, um deles pode concentrar-se na divisão e na ruptura do diálogo, esse ângulo de interpretação abriu chaves de leitura tanto para a teologia quanto para a política ou nas áreas da comunicação humana. Na verdade, Babel tornou-se um texto transversal, indo para além do mundo religioso judaico-cristão²⁵. Neste estudo, recorreremos ao relato apenas para refletir que sem diálogo social e interação humana, nenhum projeto vai adiante. Neste sentido, a Campanha da Fraternidade desse ano ajuda-nos a pensar quão importante é a diversidade e o diálogo enquanto parte indispensável do convívio social humano. O texto base está amplamente fundamentado no magistério do Papa Francisco, sobretudo nos três documentos *Evangelii Gaudium*, *Fratelli Tutti* e *Laudato Si*.

²² LULE, Jack. *Globalization and Media. Global Village of Babel*. Lanham, Boulder. New York: ROWMAN & LITTLEFIELD, 2015, p. 12. O processo de globalização e unificação das línguas por um entendimento comum a todos os povos, sobretudo a linguagem do mercado, isso não é sinônimo de unidade e diálogo. Hoje, mais do que nunca, vivemos num mundo de dor, fome e discórdia. Neste sentido, pode-se falar de uma Babel global, onde predomina intensas forças de domínio, poder e ambição. Os meios de comunicação que serviriam para ampliar o diálogo e a cultura do encontro, favorecem maior fechamento, isolamento e atos de intolerância e agressões.

²³ Noël Mathieu, mais conhecido pelo pseudônimo de Pierre Emmanuel, foi um poeta francês que nasceu em 1916 e morreu em 1984. Disponível em: <<https://www.babelio.com/auteur/Pierre-Emmanuel/45035>>. Acesso em: 11 abr. 2024.

²⁴ O’NEIL, Anne Mary. *From Babel to Pentecost The Poetry of Pierre Emmanuel*. Montreal & Kingston: McGill-Queen’s University, 2013, p. 121ss.

²⁵ SHERMAN, Phillip Michael. *Babel’s Tower Translated Genesis 11 and Ancient Jewish Interpretation*. LEIDEN: Brill, 2013, p. 2ss.

De forma muito notável, na *Fratelli Tutti*, o Papa insiste na importância do diálogo com as diferenças e na iniciativa do encontro e da solidariedade. Já no número 3 do documento, o texto convida a superar as fronteiras. Desse modo, abre-se ao diferente, superando as rivalidades de nacionalidade, cor ou religião (FT 3). Seguindo essa perspectiva, a amizade social, diferente de Babel, é a capacidade de alargar o círculo e não mergulhar no isolamento (FT 97). Se Babel tem o desejo de domínio, o sentido da amizade humana deve levar para a liberdade, a gratuidade e o encontro (FT 4). A comunicabilidade humana e o amor social criam atos de caridade e desenvolve instituições mais sadias, convidando a todos para abraçarem a causa da fraternidade²⁶.

Antes de concluir esse tópico, ainda faz bem ressaltar que a Campanha da Fraternidade sempre toca num ponto crítico vivido pela sociedade brasileira, certamente a amizade social, a cultura do diálogo e do encontro têm estado deficitárias ultimamente. Basta ver a aguda crise que tem impactado as relações humanas no mundo e no Brasil. Há ocasiões que tais conflitos culminam em agressão, fechamento e inimizade. As polarizações tornam-se cada vez mais nítidas no mundo de hoje. Vivemos acentuada desvalorização do outro, do diferente e da vida de um modo geral. As divisões e inimizades são consequências de um mundo intolerante, moralmente rígido e ensimesmado, resultando em atitudes de dominação, exploração e coisificação do ser humano (CF 32s). O drama do mundo atual é resgatar o valor fundamental do ser humano (FT 106). Na ótica de uma antropologia integral, há de restabelecer a interação entre o ‘eu’ e o ‘tu’, entre o espiritual e o corporal.

O contexto pós-moderno defrontou duramente com o sentido unificador das grandes narrativas, seja aquela do Iluminismo seja a da revelação ou das ciências²⁷. Basta ver a crise de credibilidade dos ‘falsos fundamentalistas’ perante a vacina da COVID-19. Houve uma intensificação do subjetivismo e da relativização do sentido, com isso, cada um formula sua verdade como deseja. A absolutização da certeza, enfraquece o poder do diálogo, resulta em intolerância ou autossuficiência. As pessoas tornam-se sectaristas, não conseguem enxergar a integralidade das questões na sua perspectiva de construção dentro de uma tradição cultural progressiva e integradora.

Perante o atual contexto cultural, há de convir que surgem novas “Babéis” que permitem ao ser humano a ambição de edificar grandes muralhas e viver no isolamento. Basta observar

²⁶ CNBB. *Fraternidade e Amizade Social*. Texto Base – Campanha da Fraternidade 2024. Brasília: CNBB, 2023, n. 21. Os demais números serão citados no corpo do texto.

²⁷ TRANSFERETTI, J.; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 166.

os luxuosos condomínios, os grupos afins das redes sociais, as secções político-partidárias de veia ortodoxa, tudo concorre para a não convivência com o diferente. Neste cenário de tanta dificuldade na convivência social, a Campanha da Fraternidade faz a pergunta do Gênesis 4,9: ‘Onde está o teu irmão?’. E a autêntica resposta para isso está na pessoa de Jesus Cristo, quando verdadeiramente testemunhada pelo seguimento e vivência do evangelho (CF 24). A prática do amor cristão opõe-se ao pecado (CF 27). O reino de Deus exige a comunhão fraterna e contínua abertura ao outro e a Deus. A humanidade carece de superar toda espécie de divisão e orgulho enraizados na ‘cidade terrena’ ou como mostra a Babel bíblica, para alcançar conforme o Apocalipse 21, a entrada na cidade eterna onde não haverá divisão, nem dor, nem ódio, pois Deus será tudo em todos.

1.1.2 A SÍNDROME DE CAIM E A CRISE NO CONVÍVIO HUMANO

Quando Deus pergunta a Caim por seu irmão, sua resposta é direta: ‘Sou eu o guarda do meu irmão?’ (Gn 4,9b). Trata-se de uma resposta que pode ser perfeitamente lida à luz do mundo em que vivemos. O subjetivismo e a relativização da vida de nossos semelhantes implicam em total indiferença perante o outro. A síndrome de Caim, conforme a Campanha da Fraternidade, é exatamente a negação, a aniquilação daquilo que o outro representa para mim. Lipovetsky chama o momento em que vivemos de ‘indiferença pura’ resultando numa intensa apatia que perpassa todos os setores da vida humana²⁸. O cenário atual nomeado por vários predicativos: débil, superficial, pós-humano etc., aponta conforme suas resultantes para vários dramas e sofrimentos, nunca antes vistos. Como mostram as estatísticas, nunca se viu tantos transtornos como em nossos dias. O índice de suicídio explodiu na última década. Conforme dados da OMS, em cada 100 mortes uma é suicídio, isso tem deixado tantos os cristãos quanto aqueles que não praticam alguma religião estarecidos²⁹. Fica evidente que a forte polarização, o fechamento nas novas Babéis virtuais (grupos afins) e a globalização deste cenário de isolamento e indiferença não têm feito bem para a humanidade (CF 54,55).

Desde os primórdios da cultura, sabemos que o ser humano é dotado da dimensão social e política. Desse modo, o encontro com o outro e com a diversidade constrói cultura, riqueza social e bem-estar. Ao desejar um mundo superficial e homogêneo perde-se de imediato aquilo que é constitutivo da própria ontologia da pessoa. Se a racionalidade moderna já havia trazido

²⁸ LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Editions Gallimard, 1983, p. 33ss.

²⁹ Esses dados são de 2021 e foram apresentados em Genebra. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 2 ab. 2024.

grande mal-estar em relação à estrutura do mundo clássico, a crise da razão no contexto pós-moderno não tem sido menos desastrosa para a coletividade. Vemos no último século, um movimento quase irracional para implodir o resto dos pilares da cultura ocidental erigidos como baluartes da sociedade humana. Aqueles que durante séculos garantiram a estabilidade da vida social e das instituições. Sem desejar regressar de forma anacrônica ao passado, como fazem alguns ‘fundamentalistas sem fundamentos’, certamente, a cultura e a sociedade ocidental, no prosaíco das grandes mudanças, não conseguiram salvaguardar e preservar aqueles baluartes primordiais e valiosos para a sustentabilidade dos valores arduamente construídos no processo da história. Depois de toda demolição da modernidade e da pós-modernidade, devemos nos perguntar: onde chegamos? O que resta ao homem de hoje? O que valem as velhas e antigas instituições: Igreja, Estado, família etc.?

Não é plausível neste breve estudo percorrer o caminho da cultura e da contracultura para responder a tão complexas questões, contudo, na base dessas demandas podemos imaginar o esvaziamento do sentido. O Pe. Lima Vaz, já nos anos 90 do século XX, mostrava que com a crise da metafísica e o esvaziamento do sentido da existência pela ruptura entre a representação e o ser, acabou resultando na transformação radical da vida espiritual e intelectual do Ocidente³⁰. A alusão à ontologia e à cultura nos faz ver que a conjuntura vivida hoje tem suas raízes em solos mais profundos. Com isso, não nos esquivamos de observar que em todos os tempos da história, o homem marcado pela contradição e pecado, sempre foi violento, soberbo e paradoxal, contudo, numa era de debilidade da razão e da emoção, todos esses dramas se tornam mais nítidos.

Acreditava-se que depois das atrocidades de duas grandes guerras, o ser humano se corrigiria e se empenharia na garantia de instituições sólidas. Trabalharia para o diálogo e a diplomacia internacional, porém, o mundo presencia vários conflitos e genocídios de povos minoritários, testemunhamos também contínuos atentados terroristas que deixam rastro de devastação e morte. A Campanha da Fraternidade vai ao encontro daquilo que o Papa Francisco vem defendendo em nível global, desde o começo de seu pontificado, seu apelo de luta pela fraternidade, pela ecologia integral e pela solidariedade entre os povos, superando as guerras, conflitos e violência. A *Evangelii Gaudium* expõe a percepção do Papa sobre o cenário cultural de intolerância: “o mundo está dilacerado pelas guerras e a violência, ou ferido por um generalizado individualismo que divide os seres humanos e põe-nos uns contra os outros

³⁰ VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de filosofia III. Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997, p. 156s.

visando o próprio bem-estar. Em vários países, ressurgem conflitos e antigas divisões que se pensavam em parte superados” (EG 99).³¹

O contexto de pós-niilismo produz uma falsa tolerância que, em várias situações, não oculta o extremismo, seja ele político, moral ou religioso³².

Não obstante ao cenário alarmante de tanta violência, devastação ecológica, indiferença, alienação e alheamento individualista das pessoas, a fé cristã anda é otimista. Diante das forças de vida e forças de morte, os crentes sabem de que lado estão como seguidores de Jesus Cristo. Eles assumem a esperança, a vida. A Igreja abre caminhos de ressurreição, de luz e salvação³³. Contrapondo à desesperança, enxergamos também grandes fileiras de pessoas de boa vontade, não somente cristãos que lutam por um mundo mais justo, fraterno e solidário. O Papa Francisco observa que desde meados do século XX, há uma compreensão do planeta como pátria, entende-se a humanidade como povo que habita a casa comum (LS, 164)³⁴. Ao tomarmos consciência que habitamos o mesmo planeta, vamos descobrindo que compete a nós protegê-lo, pois ‘nele e dele’ vivemos. Embora deparemos com tantas atitudes de destruição, indiferença e morte, por sua vez, assim como foi para Caim, há também para nós um convite à mudança e à conversão, ao respeito ao mundo e aos outros. A mensagem do reino projeta a nossa história não para na direção de uma catástrofe universal, mas para a plenitude da vida como retratam os capítulos finais do livro do Apocalipse. Depois de grande desolação acontece a restauração de todas as coisas, Deus, por Cristo, renova todas as criaturas. Como lembra o Papa Francisco, a unidade prevalece sobre o conflito³⁵. Neste horizonte, a Campanha da Fraternidade desse ano chama a todos ao diálogo, à amizade social e à solidariedade universal.

2. À LUZ DO CONCEITO DE IMAGEM E SEMELHANÇA DE DEUS: COMO CRIAR UM MUNDO COM MAIS DIÁLOGO E FRATERNIDADE?

Se o tema da Campanha da Fraternidade é ‘fraternidade e amizade social’, o lema usou o versículo de Mateus 23,8. A frase do evangelista nos recorda a fraternidade humana como graça

³¹ FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 2 ab. 2024.

³² LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade Pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2009, p. 122ss.

³³ VALADIER, Paul. *Catolicismo e sociedade moderna*. São Paulo: Loyola, 1991, p.135ss.

³⁴ FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 5 ab. 2024.

³⁵ SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo. Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 264.

de Deus desde a criação: *‘sois todos irmãos’*. Embora Caim tenha se tornado um fratricida, não é isso o projeto de Deus para a humanidade. A morte, como fala Paulo, é resultante do pecado, certamente não a morte biológica, mas a morte como atentado contra o outro. O mal que emerge das ações (ético\moral) da pessoa tem suas bases na ruptura das relações fraternas. Ruptura constatável já nos relatos da criação. Adão, Eva e Deus formavam uma comunidade no Éden, até o momento em que Eva se deixa seduzir pelo desejo de assumir o lugar de Deus (CF 96). A imagem de Deus no ser humano o qualifica desde o primeiro momento à liberdade, ao convívio social e fraterno, essa condição garante a dignidade fundamental da pessoa como dado inalienável mesmo depois do pecado.

A proposta da Campanha da Fraternidade defende o valor fundamental da existência humana com o intuito de ajudar a corrigir todo tipo de exploração, dominação ou rejeição do outro, pois, embora portador de diferenças, cada indivíduo é imagem e semelhança de Deus e membro da comunidade humana. Ao dizer que *‘somos todos irmãos’*, os evangelhos denunciam aqueles que usurparam o poder religioso para sobrepor aos demais (Lc 11,37-54; Mc 12,38-40; Mt 23,2.5-6). A insistência de Jesus para a prática da fraternidade entre os discípulos demarca a necessidade de não somente anunciar, como também testemunhar concretamente o amor ao irmão. Nos primeiros anos do cristianismo, nota-se contínua insistência da Igreja dos Atos dos Apóstolos na perspectiva da preservação do fundamento da caridade fraterna como exigência para os seguidores de Jesus. No Segundo Testamento, são inumeráveis as passagens onde o próprio Jesus deixou o exemplo de fraternidade, pois o *‘maior dentre vós deve ser aquele que vos serve’* (Mt 23,11). A dimensão do serviço e da fraternidade faz-se emblemática no texto de João 13. O ato de lavar os pés dos amigos demarca a postura de amor incondicional como exigência daquele que assume o seguimento do Senhor. O ato de Jesus é a expressão concreta da fraternidade: *‘amai-vos uns aos outros como eu vos amei’* (Jo 13,34).

A base da fé cristã se sustenta nesse amor demonstrado por Jesus Cristo, pois ele foi aquele que primeiro nos amou. Os seus ensinamentos cristãos humanizam e favorecem a convivência como irmãos (CF 93). São várias passagens da Escritura que ressaltam continuamente a força da comunidade que emana da prática da exigência da solidariedade fraterna (Jo 15,12-13.15; 1Jo 2,10-11; 4,20; At 2,42s; Rm 13,8-14; 1Cor 13 etc.). O compromisso com o evangelho exige assumir efetivamente o sentido do *‘ser imagem e semelhança de Deus’*, norteando a vida em direção ao ideal de uma humanidade unida e

fraterna. Lutando em favor de uma sociedade justa, com relações sadias entre seus membros, permitindo a convivência solidária e de respeito mútuo³⁶.

Para os cristãos, o referencial de diálogo e amizade é a Trindade. A espiritualidade trinitária procura se espelhar na perfeita amizade entre Pai, Filho e Espírito Santo. Trata-se de uma experiência que busca a unidade na diversidade e trabalha continuamente para o exercício da comunhão fraterna (CF 119). O sentido de comunidade, ‘*ekklesia*’ caracteriza o prenúncio do Reino de Deus e sua dimensão coletiva, comunitária. Como fala o Papa Francisco, ninguém se salva sozinho e na solidão (EG 113). A comunidade é o lugar de praticar a comunhão, essa ocorre pela riqueza de dons e carismas, havendo verdadeira complementariedade que favorece o enriquecimento de todos e a experiência do amor de Deus pelo Espírito³⁷. A base para a concretização da igualdade fraterna se dá em Cristo pelo batismo (LG 11)³⁸, nisto subsiste a essência do amor cristão que deve ir para além mera formalidade, é pela prática que o amor se torna caminho de salvação (Mt 7, 2; 25, 31s; Lc 6,36-38; etc.).

Não só a fé cristã, mas todas as religiões, ou mesmo, os não religiosos que acreditam na vida, todos podem ajudar na construção de um mundo melhor. No documento *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco observa que o esvaziamento do sentido de Deus e o materialismo exacerbado trouxeram uma crise para a humanidade sem precedente (FT 275). A avalanche da secularização e a negação de Deus, bem como o imperativo da autonomia da razão, ocasionaram a imensurável crise ético-moral do final do século XX até nossos dias³⁹. Embora o novo contexto humano e social atinja de forma radical o sentido das grandes religiões, o ser humano, descrente da transcendência divina e do dado religioso, deseja a felicidade e o bem-estar coletivo. Neste aspecto, conhecemos pessoas que não professam fé alguma, mas dão permanente testemunho de solidariedade, de respeito ao outro e de promoção da amizade social e da vida. Então, quando a Igreja promove a ‘amizade social’ no tempo da Campanha da Fraternidade, ela busca motivar os cristãos a vivenciarem mais a cultura do encontro, abrindo-se para a diversidade e para a acolhida de todos, inclusive dos que não são cristãos\católicos ou religiosos. A referência de acolhida é Jesus Cristo, ele recebeu os cobradores de impostos, as prostitutas e os leprosos sem nenhuma rejeição ou preconceito.

³⁶ MIRANDA, Mario de França. *O Deus Escondido. A pertinência do cristianismo no mundo atual*. Petrópolis: Vozes, 2023, p. 76.

³⁷ MIRANDA, Mario de França. *Igreja e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 163ss.

³⁸ *COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituição, Decretos e Declarações*. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

³⁹ FRANZ, Albert; MASS, Clemens (Hg.) *Diesseits des Schweigens. Heute von Gott sprechen*. Freiburg: Herder, 2011, p. 190ss.

Num mundo de tanta intolerância, a Igreja no Brasil deve ser espaço de diálogo, de liberdade e de experiência saudável da fé. A campanha da Fraternidade convida-nos a corrigir todo tipo de fundamentalismo, de sectarismo ou fanatismo ortodoxo. O Evangelho não deve ser um peso para as pessoas, pois Jesus se revelou como fonte de amor e misericórdia: ‘Vinde a mim, todos vós que estais cansados sob o peso do fardo, e eu vos darei descanso’ (Mt 11,28). As coisas pesadas do cristianismo sectário assombram não somente os cristãos, mas até pessoas alheias à fé. Hoje não há lugar para a religião do medo, do terror e de práticas autoritárias e eivadas de moralismo ‘barato’, ou a Igreja será fraterna ou vai se tornar espaço cada vez mais inexpressivo na sociedade secularizada. Neste sentido, cabe a ela oferecer oportunidade de diálogo, ser uma fonte de sentido numa época de tantas fragilidades ou discursos relativistas⁴⁰.

A *Gaudium et Spes* fez notar que a pessoa é dotada de uma dignidade única (GS 22). Por ser imagem de Jesus Cristo, o Filho encarnado, desde a criação cada pessoa é absolutamente singular em sua existência. Por mais paradoxal que seja as experiências no caminho de pecado, de miséria e de desvio, cada homem e mulher possui sua dignidade incondicional e inalienável, pois no mistério da vida, morte e ressurreição de Jesus, todos fomos redimidos e reabilitados à salvação. A partir desse princípio, toda a humanidade é continuamente chamada ao reino e à conversão. A ideia de aristocracia dentro do cristianismo deve desaparecer para preservar a condição de igualdade no batismo e de fraternidade em Cristo Jesus. Quando nos sentimos irmãos, torna-se mais fácil o diálogo e a amizade social, rompemos as barreiras e nos sentimos todos filhos do mesmo Pai. Independente da dimensão da fé, também os que negam o sentido religioso fazem parte deste grande planeta, igualmente são chamados à amizade social e ao bem comum, somos todos irmãos.

CONCLUSÃO

Embora criado numa condição paradisíaca, Deus viu que o homem não podia ficar só, por isso, criou para ele uma companheira (Gn 2,18.21-22). A lógica desse princípio fundamental da Escritura nos desperta para o sentido da comunidade e da família. Quando compreendemos que o objetivo do ser humano é ser feliz, sua vocação é para isso, então, podemos concluir que ninguém é feliz na solidão e no isolamento. Ao modo da comunhão do Deus Trindade, ao ser humano também é dada a condição da vivência relacional fraterna e

⁴⁰ MIRANDA, Mario de França. *Um Cristianismo sinodal em construção. A fé cristã na atual sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 94ss.

amorosa. Na tradição judaico-cristã, amar é regra de ouro. Jesus foi a testemunha perfeita da prática do amor dando a vida em favor de todos.

A prática da amizade social é o apelo da Igreja do Brasil neste ano. Viver o amor é participar da vida das pessoas e ser solidário com elas. A Campanha da Fraternidade em 2024 convida o povo brasileiro, sobretudo os católicos, a olhar com misericórdia e solidariedade, praticando o respeito, a tolerância e acolhida fraterna de todos. A política, a religião ou qualquer outro tema não deve ser objeto de fanatismo, de fundamentalismo ou de agressão ao outro. Acima de qualquer coisa, cabe preservar a liberdade e o respeito mútuo, superando todo tipo de radicalismo. Vivemos todos no mesmo planeta, somos todos filhos de Deus, fazemos parte da grande família humana.

BIBLIOGRAFIA

BONN, L. Weisgerber. O Alcance antropológico do estudo energético da linguagem. In: GADAMER, H. G; VOGLER, P. *Antropologia Filosófica*. Segunda Parte. São Paulo: E.P.U, EDUSP, 1977.

BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Loyola, 1994.

CNBB. Fraternidade e Amizade Social. *Texto Base – Campanha da Fraternidade*. Brasília: CNBB, 2023.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. *Constituição, Decretos e Declarações*. 29. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

DAY, John. *From the Creation to Babel. Studies in Genesis 1-11*. LONDON, NEW DELHI, NEW YORK, SYDNEY: Bloomsbury Publishing, 2013.

DEUTSCHE WELLE BRASIL. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/como-ocorreu-o-ataque-sem-precedentes-do-hamas-a-israel/a-67030011>> . Acesso em: 03 ab. 2024.

FRANZ, Albert; MASS, Clemens (Hg.) *Diesseits des Schweigens. Heute von Gott sprechen*. Freiburg: Herder, 2011.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 2 ab. 2024.

_____. FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 5 abr. 2024.

_____. Carta Encíclica *Fratelli Tutti*. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 12 abr 2024.

GOWAN, E. Donald. *Fron Eden to Babel. A Commentary on the Book of Genesis 1-11*. Grand Rapids: WM. B. EERDMANS PUBLISHING co.; EDINBURGH: THE HANDSEL PRESS LTD, 1988.

FREITAS, Jacir de Faria: *O contramito Torre de Babel não trata da multiplicação de línguas (Gn 11, 1-9)*. Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/626314-o-contramito-torre-de-babel-nao-trata-de-multiplicacao-de-linguas-gn-11-1-9-artigo-de-frei-jacir-de-freitas-faria>> . Acesso em: 20 mar. 2024.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Editions Gallimard, 1983.

_____. *A sociedade Pós-moralista. O crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2009.

MIRANDA, Mario de França. *O Deus Escondido. A pertinência do cristianismo no mundo atual*. Petrópolis: Vozes, 2023.

_____. *Igreja e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *Um Cristianismo sinodal em construção. A fé cristã na atual sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2022.

MESTERS, Carlos. *Paraíso Terrestre: Saudade ou esperança?* Petrópolis: Vozes, 1973.

O'NEIL, Anne Mary. *From Babel to Pentecost The Poetry of Pierre Emmanuel*. Montreal & Kingston. London, Ithaca: McGill-Queen's University, 2013.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. Disponível: <<https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>>. Acesso em: 2 abr. 2024.

PANNENBERG, W. *Beiträge zur Systematischen Theologie, Band 2. Natur und Mensch – und die Zukunft der Schöpfung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.

_____. *Anthropologie in theologischer Perspektive*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1983.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *Esperança apesar do mal. A ressurreição como horizonte*. São Paulo: Paulinas, 2007.

REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. V. II. São Paulo: Loyola, 1994.

ROSS, P. Allen. *Creation & Blessing. A guide to the study and exposition of Genesis*. Michigan: Baker Book House, 1988.

SANTOS, José Henrique, *Trabalho do negativo. Ensaios sobre a Fenomenologia do Espírito*. São Paulo; Loyola, 2007.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo. Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SHERMAN, Phillip Michael. *Babel's Tower Translated Genesis 11 and Ancient Jewish Interpretation*. LEIDEN: Brill, 2013.

TENNEY, C. Merrill. *Enciclopédia da Bíblia – Cultura Cristã*, vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

TRANSFERETTI, J.; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes (Orgs.). *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.

VALADIER, Paul. *Catolicismo e sociedade moderna*. São Paulo: Loyola, 1991.

VASCONCELLOS, Lima Pedro. *Fundamentalismos. Matrizes, presenças e inquietações*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de filosofia III. Filosofia e Cultura*. São Paulo: Loyola, 1997.